

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS -  
LIP

## **O IMPERATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Faura Norma Andrade Pérez

BRASÍLIA

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

## **O IMPERATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Faura Norma Andrade Pérez

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADA EM LETRAS.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA

2013

À minha mãe, Norma, que, sempre, foi minha inspiração e força para eu continuar meus estudos, dedico, com muito amor e carinho, este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por, sempre, ter colocado pessoas maravilhosas no meu caminho e me dar forças para nunca desistir de meus estudos.

Agradeço a minha mãe que, sempre, incentivou-me a estudar para ser alguém, uma profissional na vida, e nunca depender de ninguém; e que sempre lutou e se esforçou para que nunca me faltasse nada e tivesse a melhor educação.

Agradeço à professora Dra. Ulisdete Rodrigues por ter-me orientado nesse difícil caminho de fazer um projeto, e que, com seu carinho, paciência e conhecimentos, colaborou na realização deste trabalho, que, para mim, é muito satisfatório e importante na minha vida.

Agradeço a minha tia Sonia por, sempre, estar presente nos momentos importantes da minha vida e por compartilhar comigo seus conhecimentos como professora.

Agradeço a meus irmãos que, mesmo estando longe, sempre, sentiram-se orgulhosos de saber que a irmã caçula estava lutando para ser alguém na vida e me animavam a seguir adiante.

Agradeço a todos meus familiares que, mesmo em terras distantes, no Peru, sempre, alegram-se com todas minhas conquistas e me apoiam em tudo.

Agradeço a Maria Lucia Siqueira e família pelo carinho e preocupação, dados todos esses anos em que estou aqui no Brasil.

Agradeço a minhas melhores amigas Angie, Cinthya e Janaína por estarem sempre presentes quando preciso delas e por, apesar do tempo, essa amizade verdadeira continuar.

## O IMPERATIVO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Faura Norma Andrade Pérez<sup>1</sup>

**RESUMO:** no presente artigo serão apresentadas as variações linguísticas recorrentes no uso do Imperativo, nas Histórias em Quadrinhos (HQs), observando-se suas duas variantes, a do modo Subjuntivo e a do modo Indicativo. Neste trabalho de natureza descritivo-explicativa, utilizaremos a metodologia da Sociolinguística Quantitativa, com base em Labov (1965), Tarallo (1985), Cesário e Votre (2008). No desenvolvimento da análise, utilizaremos diferentes HQs, como a Turma da Mônica, Cascão e Chico Bento dos anos 1988 a 2013. Neste estudo confirma-se que o Imperativo do Subjuntivo e o Imperativo do Indicativo, conforme argumentam muitos autores, figuram, quase sempre, na polaridade afirmativa, ao passo que, na polaridade negativa o uso corriqueiro é do Imperativo do Subjuntivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperativo, Subjuntivo, Indicativo, Variação Linguística.

### 1. INTRODUÇÃO

Neste estudo, abordaremos o uso do imperativo no Português Brasileiro (PB), demonstrando, com base numa análise quantitativa, os resultados da pesquisa sobre a variação do uso do imperativo no contexto da língua escrita em formato de diálogo. Para tanto, serão analisadas as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* (revista Mônica, Cascão, Cascão e Chico Bento) com exemplares dos anos de 1988 a 2013, com referência ao imperativo expresso pela forma do indicativo e do subjuntivo. Serão contabilizados os usos do imperativo afirmativo e negativo, verificando sua concordância com a prescrição gramatical tradicional, bem como a polaridade afirmativa do indicativo e a polaridade negativa do subjuntivo.

O objetivo central desta pesquisa é apresentar o resultado obtido na análise dos dados coletados a partir das Histórias em Quadrinhos e demonstrar que a variação se dá, primordialmente, no uso que se faz do imperativo, tanto na língua oral e na língua escrita, uma vez que as HQs procuram retratar e reproduzir a realização de fala dos usuários de uma língua. Além de contribuir com os estudos

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Letras, habilitação em Português.

preexistentes sobre o modo imperativo e buscar dados adicionais que reforcem as conclusões obtidas até agora.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Saussure é o iniciador da tradição estruturalista com o Curso de Linguística Geral, em 1916. Assim, no século XX, define a língua como objeto central da Linguística por oposição à fala, e considera a língua o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Para ele, a linguística não deveria se preocupar com a fala, pois, em sua concepção (Saussure, 1916, p. 49), “o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero; mas é falso dizer que sem estes não seria possível conhecer o organismo linguístico interno.”

Em meados do mesmo século, surge um novo campo de estudos que prioriza os aspectos externos, sociais, que relacionam linguagem à sociedade e que tem como objeto a linguagem em seu real contexto de uso. Essa nova área dentro da linguística foi denominada Sociolinguística. William Bright (1966) define e caracteriza a Sociolinguística como uma nova área de estudo, com o objetivo de estudar a variação linguística. “O surgimento da Sociolinguística reuniu a diferentes pesquisadores em diferentes campos do saber e preocupados com as implicações teóricas e práticas do fenômeno linguístico na sociedade norte-americana”.

Segundo Alkmim (2003), a Sociolinguística estuda, descreve e analisa a língua no contexto social. Segundo seus pressupostos, a língua é heterogênea por natureza, por conseguinte, todas as comunidades apresentam diferentes variações linguísticas. Essas variações têm dois planos: diacrônico e sincrônico. O plano diacrônico mostra a mudança no português, como por exemplo, o português arcaico do século XII e XVI, as formas de tratamento. No plano Sincrônico, estão os diversos fatores para a variação. Há dois parâmetros maiores no estudo da variação: a variação geográfica e a variação social. A variação geográfica contempla as diferenças linguísticas distribuídas entre falantes de origens geográficas distintas, por exemplo, o Português Brasileiro e Português de Portugal, falantes do nordeste e do sudoeste. Já a variação social, se relaciona com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Com relação ao fenômeno enfocado, no presente estudo, dentro da área da Sociolinguística, pode-se dizer, inicialmente, que o modo imperativo na língua portuguesa tem sido alvo de inúmeros estudos linguísticos, dado seu uso generalizado confrontar-se com as prescrições da gramática normativa. Segundo Scherre (2005) as formas de uso da língua rotuladas como erradas são correlatas às estreitas camadas sociais, o que evidencia falta de identidade da norma em relação ao uso da língua portuguesa no Brasil. Para além dessa constatação, Scherre (2005) mostra que a regra do imperativo gramatical, mesmo nos textos escritos, tem suas possibilidades restringidas às formas imperativas subjuntivas em função da intencionalidade do texto.

Segundo Bagno (2011) o imperativo é descrito como aquele em que o falante emite uma ordem, pedido, etc. Mas a Tradição Gramatical do Português (TGP) e os materiais didáticos, presumivelmente, apoiados nela apresentam um quadro de formação do imperativo diferente que não corresponde em nada à realidade do PB falado e escrito nos dias de hoje. O imperativo no PB contemporâneo é descrito como imperativo afirmativo e imperativo negativo. Para o autor a riqueza do uso do imperativo no PB precisa ser reconhecida no ensino e nos materiais didáticos ao ensino.

A discussão sobre o imperativo aqui iniciada se relaciona com outro grande embate entre os cientistas da linguagem e os puristas da norma gramatical: a confusão entre língua escrita e falada. Explicando tal embate aplicado ao uso do imperativo em português, é verossímil dizer que o uso do imperativo em nossa língua, de forma generalizada, não obedece à norma prescritiva e se diferencia nas modalidades escrita e falada, demonstrando que a regra gramatical não pondera o uso da língua corrente em sua variação e estrutura inerente aos falantes.

Segundo Mesquita (2009) o imperativo origina-se por meio do presente do indicativo que forma o imperativo afirmativo e o presente do subjuntivo. Esse modo é usado, em Português, para manifestar ordem, apelo pela concretização da ação. As gramáticas tradicionais explicam a formação do subjuntivo da seguinte forma:

**Imperativo afirmativo** – As pessoas *tu*, do singular e *vós*, do plural derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o S final. As demais pessoas (*você*, *nós*, *vocês*) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

**Imperativo negativo** – Todas as pessoas coincidem com o presente do subjuntivo.

**Caso excepcional** – A exceção na formação do subjuntivo está no verbo *ser*, que no imperativo afirmativo faz: *sê* (*tu*) e *sede* (*vós*)

Mesquita (2009, p. 330-331) mostra no quadro abaixo uma visualização sistematizada sobre o uso do imperativo prescrito pelas gramáticas:

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO AFIRMATIVO		
PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
Eu cant-o	—	cant-e
Tú cant-as (-s)	→ cant-a	cant-es
Você cant-a	cant-e	cant-e
Nós cant-amos	cant-emos	cant-emos
Vós cant-ais (-s)	→ cant-ai	cant-eis
Vocês can-am	cant-em	cant-em
Eu dev-o	—	dev-a
Tú dev-es (-s)	→ dev-e	dev-as
Você dev-e	dev-a	dev-a
Nós dev-emos	dev-amos	dev-amos
Vós dev-eis (-s)	→ dev-ei	dev-ais
Vocês dev-em	dev-am	dev-am
Eu part-o	—	part-a
Tú part-es (-s)	→ part-e	part-as
Você part-e	part-a	part-a
Nós part-imos	part-amos	part-amos



Vós part-is (-s)	→	part-i	part-ais
Vocês part-em		part-am	part-am

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO NEGATIVO	
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	NEGATIVO IMPERATIVO
Eu cant-e	—
Tú cant-es	não cant-es
Você cant-e	não cant-e
Nós cant-emos	não cant-emos
Vós cant-eis	não cant-eis
Vocês cant-em	não cant-em
Eu dev-a	—
Tú dev-as	não dev-as
Você dev-a	não dev-a
Nós dev-amos	não dev-amos
Vós dev-ais	não dev-ais
Vocês dev-am	não dev-am
Eu part-a	—
Tú part-as	não part-as
Você part-a	não part-a
Nós part-amos	não part-amos
Vós part-ais	não part-ais
Vocês part-am	não part-am

O resumo sobre o tratamento do modo imperativo nas gramáticas normativas exposto acima gera muita confusão em situações de confronto com

dados linguísticos de relevantes estudos. Isso porque o uso do modo imperativo no Português Brasileiro tem-se realizado de maneira diversa da norma padrão e com constantes variações regionais.

Alves (2010, p. 15-16) revela que pesquisas linguísticas sobre o uso do imperativo em histórias de quadrinhos da Bahia apontaram para alguns fatores relevantes para escolha do tipo de variável do imperativo, sendo elas:

- a) Polaridade da estrutura – não ocorrência de imperativo na polaridade negativa enunciada no indicativo;
- b) Variação diatópica – observou-se que a localidade do falante influencia a variação linguística. Em Salvador os usos do imperativo se configuram em maior parte pelo subjuntivo, enquanto que em regiões do interior há predominância do indicativo.

As histórias em quadrinhos são apontadas por Alves (2010) como grande fonte de pesquisa para o entendimento da expressão variável do imperativo e outros fenômenos linguísticos. Nas pesquisas mencionadas pelo autor observou-se que as tirinhas (histórias em quadrinhos) retratam a fala cotidiana das pessoas.

Scherre (2008) analisa a literatura gramatical sobre o imperativo e conclui que construções como “*olha, abre, faz*”, em enunciados sintáticos diretivos sem sujeito superficial, são formas próprias do imperativo. A autora menciona que nas construções afirmativas, o português remonta ao latim, cujo imperativo apresentava a morfologia distinta do indicativo. Formas imperativas plurais latinas eram usadas com interlocutor singular em situação formal ou com interlocutores plurais em contexto não marcado. Para a expressão de atos diretivos afirmativos ou para atos diretivos negativos eram utilizadas formas do modo subjuntivo, denominadas de formas supletivas (*olhe, abra, faça*). As formas imperativas próprias são denominadas de imperativo verdadeiro (*olha, abra, faça*).

De acordo com pesquisas sobre o Português Brasileiro em uso, tem se evidenciado que a alternância *olha/olhe; abra/abre; faça/faz* não apresenta correlação inequívoca com o contexto discursivo de menor ou maior distanciamento que caracteriza o uso explícito dos pronomes *tu* ou *você* em algumas regiões

brasileiras sem a presença obrigatória da morfologia verbal. Dados das regiões Sudeste e Centro-oeste evidenciam que o uso do imperativo verdadeiro na fala espontânea é na ordem de 90%. Já na região Nordeste, os estudos indicam que esse uso é da ordem máxima de 50%, na fala de Recife, mas pode chegar a 30% em Salvador, em João Pessoa e em Fortaleza predomina o imperativo supletivo (*olhe, abra, faça*) com incidência perto de 70% dos casos. Na região Sul, há predominância de caso imperativo verdadeiro em Florianópolis (100%) e de imperativo supletivo em Lages (79%).

Conforme estudos de Rivera (1994) e Terzi (1995) *apud* Scherre (2008) as línguas podem apresentar dois tipos de imperativos gramaticais: um tipo que apresenta uma forma verbal própria denominada imperativo *verdadeiro*, e outro que não apresenta uma forma específica, denominado imperativo *não verdadeiro*. No segundo caso, as línguas utilizam de formas verbais supletivas, isto é, formas associadas ao indicativo e/ou ao subjuntivo e, também, formas infinitivas ou gerundivas.

Segundo os autores citados acima, as línguas cujos verbos apresentam uma morfologia própria ao imperativo dividem-se em duas classes quando analisado o seu comportamento sintático. Para chegarem a essa classificação das línguas foi avaliado o comportamento sintático dos verbos imperativos com relação a dois fatores sintáticos, conforme cita Scherre (2008, p. 4) e descreve-se abaixo: (a) a possibilidade de esses verbos serem negados; e (b) a posição dos clíticos em relação aos verbos.

Classe 1 - Línguas que apresentam um paradigma imperativo próprio, bem como uma sintaxe imperativa própria (Espanhol, Castelhana e Grego moderno);

Classe 2 - Línguas que apresentam um paradigma imperativo próprio, mas não apresenta uma sintaxe própria ao imperativo (servo-croata, búlgaro e grego antigo).

Os registros da tradição gramatical brasileira, representada por Cegalla (1991), conduzem à classificação do Português Brasileiro padrão como uma língua

parcialmente imperativa verdadeira, também na classe 1. As descrições propostas nas gramáticas citadas apresentam, porém, uma distância significativa em relação aos fatos encontrados em estudos sociolinguísticos voltados para a investigação do uso das formas do imperativo no Português Brasileiro. Conforme já mencionado, os estudos identificam uma situação de variação no uso das formas do imperativo verdadeiro (*olha, abre, faz*) e do imperativo supletivo (*olhe, abra, faça*) com uma distribuição geográfica bastante clara.

O pressuposto de Scherre (2008) baseia-se na heterogeneidade sistemática, isto é, a autora busca caracterizar a manifestação das formas do imperativo dito *verdadeiro* e *supletivo* no Português Brasileiro. Além de contribuir para a caracterização das propriedades da língua portuguesa falada no Brasil, tem como objetivo examinar a manifestação dessas formas em relação a um conjunto de propriedades gramaticais consideradas inovadoras em relação a outros períodos diacrônicos da língua transplantada para o Brasil. Esta análise revela o desenvolvimento de um sistema com propriedades que o distinguem das várias línguas, além da perspectiva translinguística, em que foram consideradas línguas como o Espanhol, o Búlgaro, o Grego; assim reunidas pela presença do chamado imperativo verdadeiro. E procedendo a uma expressão gramatical do imperativo no Português Brasileiro tem-se como pressuposto a ocorrência de uma situação de variação no emprego das formas ditas verdadeiras e supletivas do imperativo.

Estudo de Alves (2009) analisou a revista em quadrinhos do *Menino Maluquinho* no que tange à variação no uso do imperativo nos diálogos dos personagens. O autor defende que no Português do Brasil há quatro possibilidades para expressar ordens e proibições em referência a uma variante de outra: duas oriundas do modo indicativo e duas do subjuntivo. A variação no uso dessas possibilidades, segundo o mesmo autor, tem caráter geográfico.

Alves (2009) menciona que acontecimentos históricos como a ditadura militar (1964-1993) originaram uma ruptura linguística e ruptura política no país. Nesse momento da história foi predominante o uso do imperativo em detrimento do indicativo. O autor deduz, confirmando as perspectivas sociolinguísticas de que a

língua acompanha as mudanças sociais, que a repressão militar não podia passar despercebida sem deixar marcas na forma escrita e na fala, talvez um dos motivos do abrandamento do imperativo pode ser isso. O contexto discursivo das revistas, a maioria delas se usa exclusivamente o pronome *você* tanto de forma negativa e afirmativa associado ao indicativo, mas no modo imperativo. Não se tem uma relação clara com o uso de *tu* e *você*, para alguns o imperativo com indicativo goza de mais prestígio social.

No Português Brasileiro, conforme observado por Scherre (2005), o uso do imperativo afirmativo se confronta com a norma gramatical. Esse confronto é gerado a partir da confusão entre os pronomes *tu* e *você*. Muitas vezes, em contextos de fala, o uso do verbo na forma imperativa afirmativa derivada do modo indicativo – 1ª pessoa, não condiz com o pronome correspondente, *tu*. De acordo com pesquisas mencionadas por Scherre (2005), o uso do pronome *tu* é restrito a algumas regiões brasileiras. Nesse caso, a maioria das conjugações dos verbos na forma supracitada se relaciona com o pronome *você* e não o *tu*. Um exemplo claro dessa confusão entre os dois pronomes pode ser verificado na propaganda da Caixa na seguinte frase: *vem para a caixa você também*. A conjugação do verbo corresponde ao pronome *tu*, mas o pronome *você* está explícito, demonstrando a generalização da variação de uso do imperativo apontada por Scherre (2005). Assim, variação do imperativo singular não se dá por conta dos pronomes (*tu/você*), mas, sim, por questões geográficas, de localização do falante.

Alves (2009) confirmou a hipótese de que o imperativo na polaridade afirmativa estaria associado às formas do indicativo. Enquanto a forma negativa estaria associada ao subjuntivo, mas, algumas vezes, favorecem as formas associadas ao indicativo. Também confirmou que a polaridade negativa do modo imperativo, tanto associada ao indicativo quanto ao subjuntivo podem ser negados.

No paradigma verbal; os verbos regulares são fortes favorecedores para a expressão variável do imperativo associado ao indicativo. Scherre (2003) analisa o tipo da oposição entre a forma indicativa e subjuntiva e do paralelismo na função da primeira conjugação no uso do imperativo na forma indicativa. Quanto à conjugação

verbal do imperativo, a primeira forma verbal aparece muito; já a segunda e terceira conjugação desfavorecem o uso do imperativo associado ao indicativo com pesos relativos.

O presente estudo concorda com a hipótese levantada por Scherre (2005) de que, diferentemente do que registra a tradição gramatical, podemos encontrar na fala espontânea em contexto sintático e discursivo o uso pronome *você* no imperativo expresso pela forma do presente do indicativo, relacionado ao pronome *tu*. Mostra-se adequado o direcionamento tomado por Alves (2010) indicando as revistas em quadrinhos como grande fonte de pesquisa para o entendimento da expressão variável do imperativo e outros fenômenos linguísticos. Isso é confirmado por Scherre (2005) ao dizer que a variação do imperativo pode ser observada de maneira ampla em revistas em quadrinhos, por reproduzir diálogos.

### **3. METODOLOGIA**

A Sociolinguística parte da concepção de que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Isso significa que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. A teoria da variação linguística tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social e procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes, chamado também de "Sociolinguística Quantitativa" por operar com os dados coletados, números e tratamento estatísticos.

Na Sociolinguística, pressupõe-se que os fatos de variação sejam condicionados dentro da língua e da sociedade. Por isso, além de fatores linguísticos, são estudados, também, os fatores extralinguísticos que motivam os fenômenos variacionistas de linguagem. Enquanto os fatores ou variáveis linguísticas variam conforme o fenômeno em apreço, mas os fatores extralinguísticos ou sociais podem ser reunidos em vários elementos, como por exemplo, origem geográfica, a fala de uma região, de um estado, de um país; o status socioeconômico, as pessoas de alto e baixo nível não falam o mesmo; o grau de escolarização; o acesso maior ou menor à educação formal, e com ele a cultura letrada; a idade, as

diferentes gerações não falam o mesmo, exemplo pais e adolescentes; o sexo, homens e mulheres fazem uso diferenciado dos recursos que a língua oferece; as profissões ou mercado de trabalho, uma advogada não usa o mesmo recurso de um pedreiro; as redes sociais, cada pessoa adota diferentes métodos para se comunicar, entre eles o comportamento linguístico.

As pesquisas no Brasil mostram que o fator social de maior impacto é o grau de escolarização, que, em nosso País está muito ligada ao fator socioeconômico, à escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional.

Cesário e Votre (2008) explicam as diferenças terminológicas que se podem encontrar na sociolinguística, como a definição de variável, variante e variação. Nas Histórias em Quadrinhos encontramos um fator linguístico determinante dos tipos de variação, que são as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas. Uma variável pode ser binária ou eneária (mais de duas variantes). Nas Histórias em Quadrinhos, podemos encontrar essas diferenças no uso de variantes, na ocorrência de “a gente” em vez de “nós”. Cesário e Votre (2008) conseguem explicar muito bem essas diferenças, por exemplo, na alternância [l] e [r] dos grupos consonantais do Português c[l]aro e c[r]aro, os autores argumentam que esse fenômeno caracteriza duas comunidades de fala com baixo grau de escolaridade e de classes menos favorecidas (forma “r”) e grupo mais escolarizado (forma “l”).

Nas revistinhas que serão analisadas, as variáveis independentes linguísticas serão a classe de verbo imperativo e seus diferentes usos e mistura, que se origina usando-a como subjuntivo e indicativo. As variantes independentes extralinguísticas observadas nas revistinhas são para um público alvo infanto-juvenil e também adulto por acréscimo. Essas revistinhas vão apresentar uma manifestação variável tanto para a língua oral e escrita.

A coleta de dados foi realizada nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica, que são as seguintes:

- Revistas da Mônica dos anos 1988, 2010.
- Revistas do Chico Bento dos anos 1999, 2011.
- Revistas do Cascão dos anos 1996, 2013.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção serão contemplados os itens correspondentes à análise conjunta das Variáveis Extralinguística e Linguística (4.1.) e ao tratamento da questão da Avaliação (4.2.) do fenômeno do uso variável do modo imperativo pelos falantes.

### 4.1. Análise Conjunta das Variáveis Extralinguística e Linguística

A seguir, serão mostradas as diferentes revistas da Turma da Mônica e seus anos de publicação, fazendo uma comparação do aparecimento do Imperativo na forma do Indicativo e do Subjuntivo e suas polaridades positiva e negativa.

(a) “Turma da Mônica” dos anos 1988 e 2010

\*1988



Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Fica</u> na tua (sem elogios, por favor) - <u>Deixa</u> comigo	*Não <u>esquenta</u> não.

Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Deixe</u> comigo * Guarda, <u>tome</u> conta do helicóptero!	

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
-Mas amanhã tá? <u>Vai</u> dormir, <u>vai</u> .	

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
*Talvez ela <u>tenha</u> razão. Não me visto muito bem. *Quero participar de	*Não me <u>faça</u> rir *Oba um riacho. Num <u>nade</u> aí!



		<p>uma história.</p> <p>-Talvez eu <u>possa</u> ajudar.</p> <p>*Ele quer que eu o <u> siga</u></p> <p>*Alguém me <u>ajude</u></p> <p>socorro!</p> <p>*Não quero que você <u>suje</u> seus pés.</p>	
--	--	--	--

\*2010

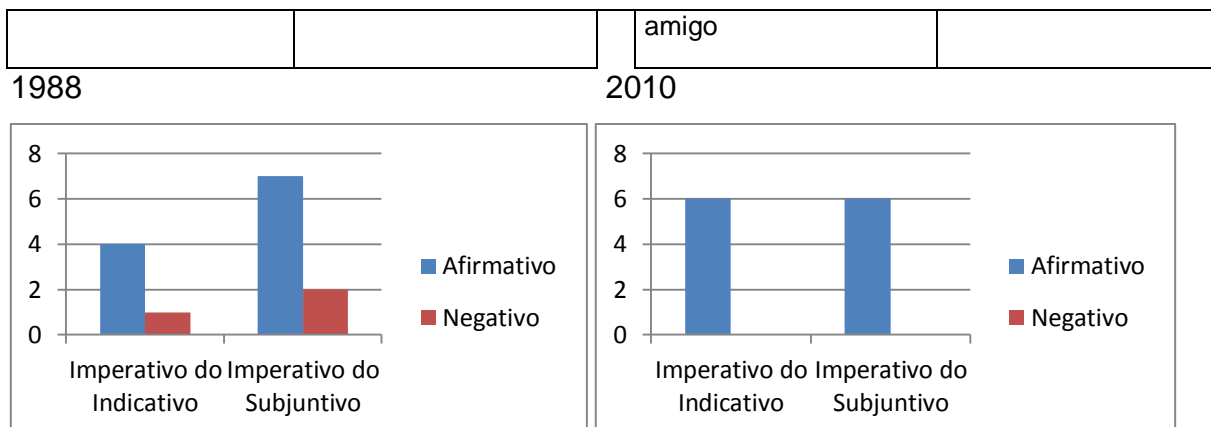


Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
<p>*<u>Deixa</u> é melhor assim</p> <p>*<u>Disfarça</u></p> <p>*Vem marido, vem jantar.</p> <p>-<u>Deixa</u> comigo</p> <p>-<u>Fica</u> quieto</p> <p>Cebolinha, a gente já conhece seus planos</p> <p>-<u>Deixa</u> com a gente que vai ser moleza</p>	

Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
<p>*<u>Fale</u> você.</p> <p>*<u>Prestem</u> atenção e tudo vai dar certo.</p> <p>*Primeiro <u>pegue</u> o coelhinho</p>	

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
<p>*<u>Bate</u> em mim</p>	

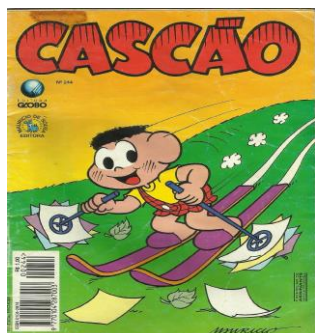
Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
<p>*<u>Corra</u>, precisamos de abrigo</p> <p>*<u>Tragam</u> o poderoso talismã.</p> <p>* Depois <u>bata</u> no seu</p>	



Nas revistas da Mônica do ano 1988, podemos observar a grande presença do Imperativo do Subjuntivo, tanto na polaridade positiva e negativa. Já o Imperativo do Indicativo aparece um pouco menos. No ano 2010, as duas formas do Imperativo aparecem na mesma porcentagem na polaridade afirmativa.

(b) “Cascao” dos anos 1996, 2013.

\*1996



Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
*Me <u>tira</u> daqui Duque	*Não <u>fica</u> assim

Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Deixe</u> eu levar minha coleção de dados	*Não <u>chore</u> , já sei o que vamos fazer.

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
.	*Não!, não pode levar nada!

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
*Atenção, <u>defendam</u> o castelo	
* <u>Tire</u> as mãos da minha página	

		*Tire as mãos das minhas flores *Sim, <u>peça</u>	
--	--	---	--

\*2013



Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
<p>*O sorveteiro está passando, <u>chega</u> aqui sorveteiro.</p> <p>-Xaveco chegou na hora, <u>compra</u> um picolé pra mim?</p> <p>*Dudu, <u>chega</u> aqui.</p> <p>*Ta vendo o coelhinho da Monica? <u>Pega</u> ele pra mim e <u>traz</u> na minha mão</p> <p>*<u>Deixa</u> de ser inútil.</p> <p>*<u>Deixa</u> de ser guloso.</p> <p>*<u>Olha</u> lá (3x) o coelhinho da Mônica!</p> <p>*<u>Presta</u> atenção!</p> <p>*<u>Volta</u> aqui, seu moleque!</p>	

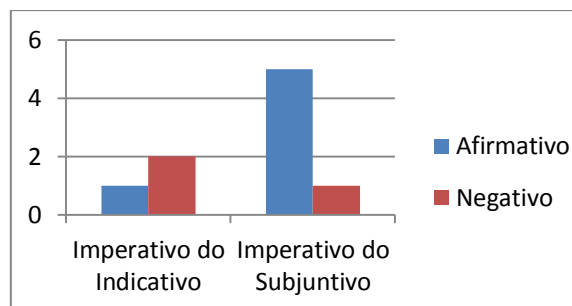
Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
<p>*<u>Espere</u> ai,</p> <p>*<u>Espere</u> ai, o que você vai fazer?</p>	<p>*Como é que eu vou pegar.</p> <p>-Não se <u>preocupe</u> amiga</p> <p>*Não se <u>preocupe</u>, amiguinho!</p> <p>*Não <u>conte</u> comigo!</p>

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo

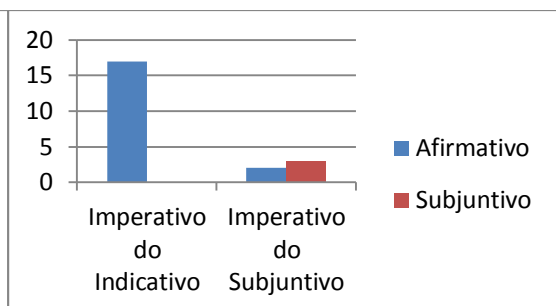
Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo

<p>*<u>Vai</u> sem mim e <u>faz</u> um gol de cabeça no meu lugar e <u>comemora</u> fazendo aquela dancinha que eu faço.</p> <p>*<u>Traz</u> aqui pra eu te ensinar.</p> <p>*<u>Vem</u> aqui fora pra eu te dar uma lição.</p>			
--	--	--	--

1996



2013



Na revista do Cascão do ano 1996, observamos que a polaridade positiva no Imperativo do Subjuntivo é maior que no Imperativo do Indicativo. Em contraposição, da polaridade negativa do Imperativo do Indicativo que é maior que o Imperativo do Subjuntivo. No ano 2013, observa-se que a polaridade positiva é muito maior no Imperativo do Indicativo do que no Imperativo do Subjuntivo. Na polaridade negativa, ocorre mais presença do Imperativo do Subjuntivo do que no Imperativo do Indicativo.

(c) “Chico Bento” dos anos 1999, 2011.

\*1999



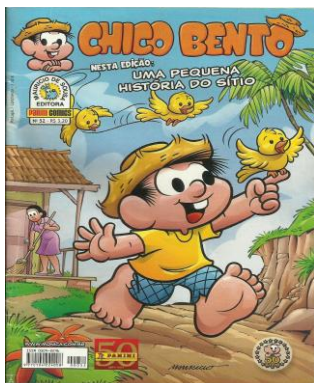
Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Anda</u> se veste. * <u>Fica</u> quietinho * <u>Fala</u> comigo, Rosinha!	*Não me <u>pega</u> (2x)

Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Ponha</u> umas meias	

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
*Se <u>esqueça</u> da festa de hoje. *Me <u>diga</u> Damião.	*Não <u>se esqueça</u> da festança de hoje. *Não <u>esqueçam</u> do trabalho

\*2011



Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Sossega</u> , você vai gostar! * <u>Deixa</u> comigo, eu não tenho medo. * <u>Deixa</u> comigo, vou acertar ele com uma lança. * <u>Olha</u> minha mãe * <u>Sossega</u> !, você vai gostar.	

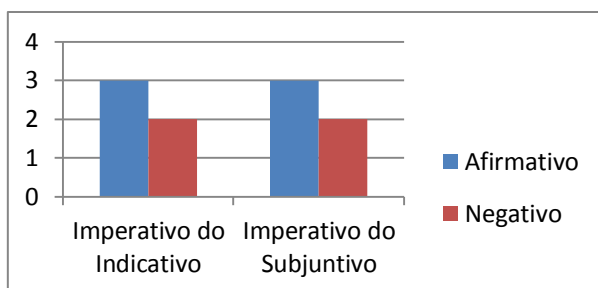
Verbos 1º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Sente</u> aí. *Piteco, <u>espere</u> por nós.	

* <u>Olha lá!</u> , tá no mesmo lugar			
*Agora <u>me ajuda</u>			

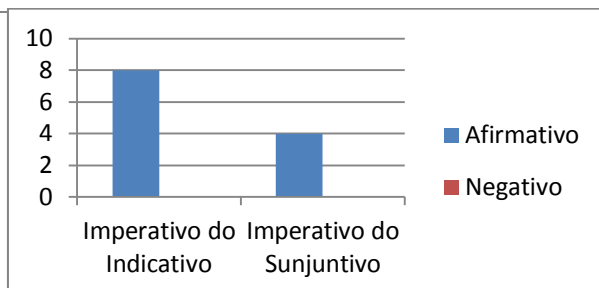
Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Indicativo	
Afirmativo	Negativo
* <u>Venham</u> comigo	

Verbos 2º Conjugação	
Imperativo Subjuntivo	
Afirmativo	Negativo
*Meninas, <u>vejam!</u> * <u>Vejam</u> o brilho do sol.	

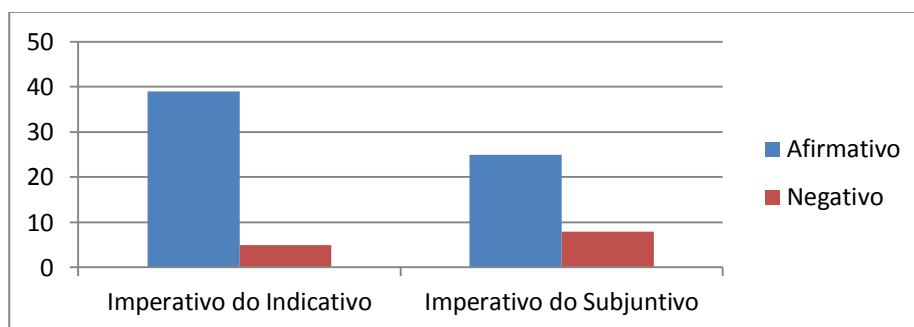
1999



2011



Na revista do Chico Bento do ano 1999, o Imperativo do Indicativo e o Imperativo do Subjuntivo aparecem na mesma porcentagem, tanto na polaridade positiva quanto na negativa. No ano de 2011, a polaridade negativa não aparece em nenhum dos dois Imperativos: Indicativo e Subjuntivo, mas, sim, aparece na polaridade positiva, o Imperativo do Subjuntivo aparece maior que o Indicativo. Abaixo, apresentam-se os dados totais das informações coletadas:



Em linhas finais dessa análise, conclui-se que, nos quadros das diferentes revistas e anos observados, a presença da polaridade positiva no Imperativo do Indicativo é muito maior que do Imperativo do Subjuntivo, já a polaridade negativa desses aparece mais no Imperativo do Subjuntivo.

#### 4.2. Avaliação do Fenômeno

Na sociedade, questiona-se muito “o certo e o errado” no uso da língua oral e da língua escrita. O erro na língua oral, numa concepção não científica, se dá por causa de pessoas que não sabem usar adequadamente a norma padrão, muitas vezes, porque não tiveram acesso a uma boa escolaridade. Nessa perspectiva, o certo seria falar adequadamente sem nenhum erro, não trocar o “nós” por “a gente”, o “s” no final dos plurais; o certo seria não cometer nenhum equívoco na hora de falar, não confundir o uso dos Imperativos na forma do Indicativo e na forma do Subjuntivo. A noção de erro na escrita, também nessa concepção em foco, exige que as pessoas não cometam nenhum erro ortográfico, consigam escrever na norma padrão. Essas noções de certo e errado podem associar-se, também, com as questões dos traços graduais, que está presente na fala de todos os brasileiros desde a pessoa menos até a mais escolarizada e os traços descontínuos, ou seja, o uso “descontinuado” de alguns fenômenos linguísticos nas áreas rurais. Esse último falar sofre rejeição nas áreas urbanas. Um exemplo disso é a fala representada nas revistas do Chico Bento; essa é uma forma de representar a realidade rural e trazer consciência às pessoas das áreas urbanas de que existe uma diversidade sociolinguística. O jeito de falar do Cebolinha das revistas da Mônica, também, muitas vezes, pode ser considerado uma fala errada. Essas questões mencionadas, anteriormente, podem ser consideradas preconceito linguístico, que é um preconceito social. Segundo Bagno, (1999), é mito dizer que as pessoas falam de forma errada por não terem boa escolaridade. Para esse autor, as pessoas conseguem falar corretamente, e não só porque a pessoa fala errado que, também, irá escrever errado. Para Scherre (2012), as pessoas têm que respeitar o próximo e não humilhar o jeito de falar das pessoas ou praticar, em outras palavras, assédio linguístico. Todas essas diferenças são causadas pelas variações linguísticas que a língua apresenta.

Por algum tempo, as escolas não demonstraram interesse nessas variações, pois preocupavam-se somente em ensinar a norma padrão e cuidar para que os alunos não cometessem erros na fala e na escrita. Elas encarregavam-se de corrigir esses pequenos desvios. Todavia, com o passar do tempo e o surgimento de novas áreas de estudos linguísticos, como a Sociolinguística, por exemplo, passou-

se para estudar essas variações linguísticas e sociais. De certa forma, tais variações constituíam algo preocupante, pois estava-se tendo um preconceito com a língua oral e preconizava-se apenas o uso da norma padrão. O objetivo dessa intervenção científica no terreno da variação era conscientizar as crianças e jovens para combaterem preconceitos linguísticos para evitar exclusões sociais e culturais fundadas nas diferenças linguísticas. O fenômeno em si, socialmente, às vezes, é visto de forma preconceituosa e faz sofrer algumas pessoas que falam de outra maneira, pois as pessoas acham que elas estão falando errado, a interpretação é a de que a pessoa não tem boa escolaridade ou que ela pertence a uma classe bem diferente daqueles que a avaliam.

O Português Brasileiro é a língua materna de todos, mas todos têm que saber que existem diferentes variações, riqueza de traços graduais e descontínuos; as pessoas precisam aprender a entender que nem todas as pessoas falam do mesmo modo. É preciso aprendam a aceitar e a respeitar as diferenças linguísticas e a não refutar o outro só porque fala de um jeito diferente. As escolas, também, têm que se encarregar de ensinar que existem, sim, variações linguísticas e que, a partir dessa conscientização e conseqüente apelo às regras variacionais, o ensino pode vir a ser mais real e contextualizado, logo, com mais chances de vir a ser profícuo.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, quis abordar o uso do Imperativo em suas diferentes formas, no Indicativo e no Subjuntivo. Com os dados coletados das Histórias em Quadrinhos (HQs), pude confirmar que o uso do imperativo do Indicativo é maior que o Imperativo do Subjuntivo; a polaridade negativa não é muito usada, mas se for usada, ela aparece no uso do Imperativo do Subjuntivo, o que confirma o estudo de Mesquita (2009). A observação das revistinhas também fez perceber as variações linguísticas do Português Brasileiro, que se dá, entre outros fatores sociais, por regiões ou por fatores socioeconômicos, mas isso não quer dizer que é uma fala errada deles, senão que é o jeito de falar que cada um deles têm e que não se deve ter um preconceito linguístico social por causa disso, senão respeitar o próximo, como o que se preconiza, nas HQs, na apresentação da convivência de outras



personagens com o Chico Bento e seus traços do falar rural e o Cebolinha, que troca o [l] pelo [r] na hora de falar.

De um modo geral, pode-se dizer que, tanto na língua oral e na escrita são usadas as diferentes formas do Imperativo. Na vida cotidiana, as pessoas também demonstram essa confusão e, muitas vezes, não sabem qual desses Imperativos empregar, Subjuntivo ou Indicativo. A finalidade das Histórias em Quadrinhos com relação à norma culta é procurar apresentar as duas alternativas de uso das formas do Imperativo. Todavia, elas procuraram favorecer o uso canônico que, no mais das vezes, não faz parte do universo de fala das crianças e de seus pais. A marcação do uso do imperativo em suas duas variantes, quase sempre, do modo indicado pela gramática tradicional serve para reforçar a norma padrão e incentivar o uso considerado correto pelos pais das crianças leitoras e por toda a sociedade. Aqui, nessas linhas finais, é importante ressaltar que as revistas em quadrinhos deveriam retratar a fala infantil e os verdadeiros traços vigentes na realidade oral do Português Brasileiro. Afinal, toda e qualquer língua será, sempre, um mosaico de variação.

## BIBLIOGRAFIA

- ALKMIM, Tania. Sociolinguística. Parte 1. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALVES, J. S. Imperativo: Uma análise da variação linguística em revistas em quadrinhos do Menino Maluquinho. *Revista Philologus*, Ano 15, Nº 43. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2009
- ALVES, J. S. O imperativo singular em Histórias em Quadrinhos Baianas. In: *Periódicos de Divulgação*, ano IV, n. IX-Set. Salvador: Revela, 2010.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. 3ª. Ed. Edições Loyola, São Paulo 1999.
- BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, pp. 566 a 572.
- CESARIO, Maria Moura & VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo(org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

- FARACO, C. A. Por uma pedagogia de variação linguística. *In: Norma culta Brasileira: desatando alguns nós*. Editorial Parábola, São Paulo, 2008.
- FARACO, C. A. Afinando Conceitos. *In: Norma culta Brasileira: desatando alguns nós*. Editorial Parábola, São Paulo, 2008.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa (Ensino Médio)*. Editora Saraiva. São Paulo, 2009, pp. 328 a 331.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Reflexões sobre o Imperativo em Português (on line). 2008. [Acesso em 25/06/2013]. Disponível na web: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23nspe/v23nspea10.pdf> >
- SILVA. José Pereira da. O conceito de erro em Sociolinguística. [Acesso em 25/06/2013] Disponível na web: < <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf> >